

ENTRE A MÃO QUE ESCREVE E O OS OLHOS QUE LEEM: LAÇOS FAMILIARES E DE AMIZADE EM ESCRITAS EPISTOLARES (1903 – 1912/RS)

■ DÓRIS BITTENCOURT ALMEIDA

Universidade Federal do Rio Grande de do Sul

■ ALICE RIGONI JACQUES

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

A pesquisa situa-se no campo da História da Cultura Escrita, nas interfaces com estudos de acervos pessoais e correspondências epistolares. Investigaram-se cartas enviadas para Abraão Silverston, entre 1903 e 1912, que por ele foram guardadas. Metodologicamente, reuniram-se os documentos, agrupando, de um lado, aqueles que envolvem diretamente os laços familiares, e, em outra perspectiva, examinaram-se as epístolas escritas por seu amigo Franz. A análise contemplou essas categorias: materialidades, protocolos, redes de sociabilidades, produção de sensibilidades, relações de afeição, questões econômicas e culturais pertinentes à sociedade em que se inseriam. No que se refere às correspondências familiares, pode-se dizer que promoveram a expressão de subjetividades movidas por sentimentos de bem-querer que uniam remetentes e signatário. As cartas de Franz também evidenciam a estima que ambos construíram desde a infância, em meio à abordagem de assuntos cotidianos, pelos olhares juvenis do escrevente. Entende-se que esses manuscritos, datados do início do século XX, importavam a seu receptor, que estava longe de suas referências por residir em Porto Alegre. Assim, as epístolas foram merecedoras de cuidado por Abrahão, pois representavam vínculos afetivos, entrelaçados por familiares e amigo, permitindo que ele se mantivesse perto de sua comunidade de origem, apesar da distância.

Palavras chave: Escritas epistolares. Judaísmo. Acervos pessoais. Cultura escrita.

ABSTRACT

BETWEEN THE HAND THAT WRITES AND THE EYES THAT READ: FAMILY AND FRIENDSHIP TIES IN EPISTOLARY WRITINGS (1903-1912/RS)

The research is in the field of history of Written Culture, interfaces with personal holdings and epistolary correspondence. Investigated letters sent to Abraham Silverstone, between 1903 and 1912, which for him were saved. Methodologically, gathered the documents, grouping, on the other hand, those that involve directly the family ties and, in perspective, examined the Epistles written by your friend Franz. The analysis included these categories: material elements characteristic, protocols, networks of social arrangements, production of sensitivities, relations of affection, economic and cultural issues relevant to society in that part. As regards family matches, one can say that promoted the subjectivity expression moved by feelings of well want United senders and signer. Franz's letters also show the esteem that both built since childhood, in the midst of everyday affairs approach, by the looks of the juvenile clerk. It is understood that these manuscripts, dating from the early 20th century, imported to your receiver, that was far from its references for reside in Porto Alegre. Therefore, the Epistles were worthy of careful by Abraham, as represented by intertwined family affective links and friend, allowed him to keep near your community of origin, despite the distance.

Keywords: Epistolary writings. Judaism. Personal collections. Writing culture.

RESUMEN

ENTRE LA MANO QUE ESCRIBE Y LOS OJOS QUE LEEN: LAZOS DE FAMILIA Y LA AMISTAD EN ESCRITOS EPISTOLARES (1903-1912/RS)

La investigación se encuentra en el campo de la historia de la cultura escrita, interfaces con fondos personales y correspondencia epistolar. Investigan cartas enviadas a Abraham Silverstone, entre 1903 y 1912, que para él fueron salvos. Metodológicamente, se reunieron los documentos, los que implican directamente los lazos de la familia y, en perspectiva, agrupar, por el contrario, examinaron las epístolas escritas por su amigo Franz. El análisis incluye estas categorías: característica de elementos materiales, protocolos, redes de acuerdos sociales, producción de sensibilidades, las relaciones de afecto, problemas económicos y culturales relevantes para la sociedad en esa parte. En cuanto a la familia acerca de los partidos, se puede decir que promueve la expresión de la subjetividad movida por sen-

timientos de bien quieren Unidos remitentes y firmante. Cartas de Franz también muestran la estima que ambas construidas desde la infancia, en medio de asuntos cotidianos enfoque, por el aspecto de la Secretaría juvenil. Se entiende que estos manuscritos, que datan de principios del siglo XX, importados a su receptor, que estaba lejos de que sus referencias para residan en Porto Alegre. Por lo tanto, las epístolas eran dignas de cuidado por Abraham, representada por entrelazados vínculos afectivos familiares y amigo, le permitidas mantener cerca a su comunidad de origen, a pesar de la distancia.

Palabras clave: Escritos epistolares. Judaísmo. Acervos personales. Cultura de la escritura.

Epístolas como temáticas de estudo

Não é propriamente a carta o laço; é o pedaço de papel, as lembranças que afloram, e com elas o sentimento e a emoção de momentos passados, que também são laços. A carta é o veículo. A escrita, modos de ser. E a leitura, modos de ver. (CAMARGO, 2000, p. 227)

Cartas são marcadas por redes de relações (re)construídas cotidianamente, preservam memórias de tempos vividos, evocam sentidos e sentimentos, produzem significados (MORAES, 2009). Por que se escrevem cartas? Comumente, essas atividades da cultura escrita ultrapassam o sentido primeiro de transmissão de notícias e adentram subjetividades “como exteriorização do eu que escreve” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 26). Portanto, são dotadas de intenção autobiográfica, representam, por meio dos discursos anunciados, aspectos identitários do remetente. Carregam o que Castillo Gómez conceitua “duplo ato de representação”, pois, de um lado, o escrevente, fisicamente ausente, sente-se impelido a escrever, *se deixa ver* por meio do signo escrito, por outro, a carta contempla a dimensão autobiográfica, como “espaço de conhecimento pessoal” (2002, p. 25). E por que se guardam esses papéis? Seria a intenção de manter uma de-

terminada inscrição no presente, seria a ideia de perpetuar um momento vivido e valer-se desse artefato em momentos de nostalgia, como retrospectiva diante da efemeridade da vida? Parafraseando Lima (2009), a carta possibilita – ao alcance das mãos – a “captura” do tempo, em determinado dia e hora, desse modo, permite que cenas sejam *revividas* e sonhos projetados. Neste sentido, Sierra Blás (2016, p. 36) as entende como “documentación efímera y frágil, habitualmente marginada por las políticas de la memoria, lá constituyen los archivos personales”¹, são artefatos dotados de forte simbologia e valor incalculável, como relíquias de papel.

O presente artigo toma como objeto de estudo um conjunto de cartas escritas para Abraão Silverston, que constituíram um acervo pessoal deste sujeito de origem judaica, nascido em Manchester, na Inglaterra, em 1875. Inferiu-se que as epístolas foram guardadas por ele, pois, em 1987, sua nora, Bella Silverston, casada com Moysés Silverston², promoveu a

1 [...] documentação efêmera e frágil, muitas vezes marginalizada pelas políticas de memória, constituem-se os arquivos pessoais.

2 Abraão Silverston, signatário das cartas, dá ao filho o mesmo nome de seu pai, Moyses Silverston.

doação das mesmas ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall³, em Porto Alegre/RS. Nessa perspectiva, como não pensar nos motivos pelos quais Abraão guardou por anos essas cartas. Esses “gestos do guardar” (CUNHA, 2008) acompanharam o destinatário das cartas por muito tempo, fizeram parte de seus arquivos pessoais e sobreviveram a ele. De arquivos pessoais, mudaram de estatuto, passaram a ser identificados como documentos que compõem os arquivos públicos de uma instituição que preserva memórias do povo judeu. Destaca-se a presença de sua nora que, de posse das cartas, após o falecimento de Abraão, fez uma ação de salvaguarda, conduzindo os papéis para outro lugar de acolhida, permitindo, assim, que diferentes pessoas, cada qual com seus motivos, tivessem acesso a esses papéis do passado. Dauphin e Poublon (2002) observam a realidade desses artefatos da ordem do comum, que, na maioria das vezes, são abandonados pelos “gestos de destruição e pela erosão do tempo” (2002, p. 75). Todavia, quando preservados, podem adquirir o status de documentos, relativizando uma pretensa hierarquia de fontes. Por meio do estudo de escritas epistolares, é possível adentrar outras temporalidades e nelas perceber representações de culturas e sensibilidades de outrora. Desse modo, “os dizeres, os mais simples, os detalhes, os mais incongruentes, tornam-se signos ou indícios a serem interpretados [...], a citação epistolar produz esse excesso de sentido que insufla força e convicção aos comentários” (DAUPHIN; POUBLON, 2002, p. 76).

O conjunto documental em questão constituiu-se por cinquenta e cinco cartas⁴, tendo

3 O Instituto Cultural Judaico Marc Chagal (ICJMC) foi fundado em 1985, por um grupo de intelectuais e empresários judeus e salvaguarda diferentes acervos referentes às memórias de judeus no Rio Grande do Sul. Localiza-se na Rua João Telles, nº 329, na cidade de Porto Alegre/RS.

4 O acervo de epístolas contém outras correspondências comerciais que não foram analisadas neste estudo.

como destinatário Abraão Silverston. São textos escritos pelo pai Moysés Silverston (19), por uma das irmãs, Maria Silverston Schmidt (3), por um dos cunhados, Carlos Adão Diefenthaler (7), e pelo amigo Franz Schopf (26). Objetiva-se examinar esses documentos em seu conteúdo discursivo, valorizando as temáticas que envolvem as redes de afeto e o cotidiano vivido por esses sujeitos, separados pela distância, que tinham na troca de correspondências pontos importantes de aproximação. Tem-se como arco temporal o período de 1903 a 1912, sendo o início datado de uma carta do pai e o término a epístola do amigo Franz.

Pelo que se observou, há diversos cenários possíveis de análise desses suportes de escrita, considerando as peculiaridades dos remetentes que se dirigiam a Abraão. Metodologicamente, optamos por reunir as cartas, agrupando, de um lado, aquelas que envolvem diretamente os laços familiares, mas que também abarcam atravessamentos do mundo do trabalho e, em outra perspectiva, examinamos as correspondências trocadas com o amigo Franz, permeadas pelas sociabilidades, que ambos mantinham na sua juventude.

Entendidas como “refúgio do privado” (CASTILLO GÓMEZ, 2002), como registro particular do mundo, cartas aproximam distâncias. Bastos, Cunha e Mignot (2002), explicam que as cartas se movem entre presença e ausência, buscam o interlocutor, “reclamam a presença de um ausente” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p.22). Nas palavras desse autor aquele que se põe a escrever “o faz pensando no outro com quem trava o diálogo”, cria-se uma espécie de pacto, que pressupõe um dever de resposta, pois, remetendo ao título deste trabalho, “o gênero epistolar comporta tanto a distância entre a mão que escreve e a voz que narra, como entre o leitor explícito e o destinatário real” (2002, p. 22).

Para Chartier (1992), a compreensão do texto guarda uma dependência das formas como

o mesmo chega até o leitor. Nas epístolas, essa também é uma dimensão importante e justifica as reflexões que se seguem. Elas indicam o uso contínuo de caneta tinteiro e observa-se uma intenção de esmero com sua apresentação, evidência menos presente nos manuscritos do pai de Abraão. As cartas seguem um padrão de escrita em papel almaço de dois tipos: a maioria são folhas quadriculadas com linhas, sem margens de ambos os lados, mas que permitem uma escrita, sem comprometer a visualização do texto. As outras folhas são pautadas com linhas e margem à esquerda, ambas da mesma cor azul escuro. Acreditamos que estes materiais não fossem avulsos, e sim fizessem parte de uma espécie de bloco, que permitia o destaque das folhas, pois, podemos notar que algumas apresentam rasgos na parte superior, provavelmente no lugar de onde foram retiradas. Nota-se que, mesmo com os rasgos, as cartas foram escritas naquele suporte, o que faz pensar no custo do papel e na necessidade de aproveitá-lo ao máximo. Constata-se também o aproveitamento das margens, outra alternativa de economia de espaço.

Com a intenção de avançarmos na temática proposta, construímos o texto, apresentando, na sequência imediata, informações acerca do signatário das correspondências. A seguir, uma análise pormenorizada das “cartas familiares” e das “cartas de amizade”, em seus protocolos, aspectos idiossincráticos e em relação ao conteúdo discursivo que comparece nos manuscritos.

Sobre o destinatário das cartas

Antes de ingressarmos nas cartas propriamente ditas, cabem algumas notas acerca de aspectos biográficos de Abraão Silverston, signatário das mesmas, que as guardou durante sua existência. Essas informações foram levantadas a partir da entrevista de sua nora e filho,

Bella e Moysés Silverston, ao Instituto Cultural Marc Chagall.⁵

Abraão Silverston chegou ao Brasil com cinco anos de idade, acompanhado dos pais e de duas irmãs. No Rio Grande do Sul, a família Silverston dirigiu-se a Phillipson, o primeiro núcleo colonial judaico, próximo à cidade de Santa Maria, região central do Estado. Sobre a imigração de seu pai, Moysés explica na entrevista “é aquele sonho da gente de sempre ir para um lugar e melhorar a vida e tal, ou o próprio destino talvez. Aí eles vieram para cá”.

Tendo em vista a origem judaica da grande maioria desses escreventes, faz-se necessário apresentar algumas informações acerca do processo de imigração dessas pessoas para o Rio Grande do Sul. As primeiras levas migratórias chegaram ao final do século XIX, vindas da Europa Oriental, estimuladas pela Jewish Colonization Association (ICA)⁶, com o objetivo de fundarem colônias agrícolas na região central/norte do Estado. Entretanto, essas co-

5 O Instituto Cultural Judaico Marc Chagall contempla um acervo com mais de quatrocentas entrevistas com imigrantes judeus e seus descendentes, na modalidade “histórias de vida”, disponíveis para consulta local. O acervo foi produzido nos anos de 1980 e 1990, constituindo-se em importante fonte de documentação da memória da imigração judaica no país.

6 JCA também passou a atuar no Brasil, sendo conhecida por ICA, fundando, a partir de 1904, colônias agrícolas no Rio Grande do Sul. (Arquivo Histórico Judaico Brasileiro). Disponível em: <http://www.ahjb.org.br/ahjb_pagina.php?ap=ica>. Fundada pelo Barão Maurício de Hirsch, um francês de origem judaica, banqueiro em Bruxelas. Depois de enriquecer com a construção de estradas de ferro na Rússia, Áustria e Turquia, passou a fazer grandes dotações para judeus e não judeus. Sua maior preocupação foi com os judeus russos que, de 1881 em diante, começaram a ser ferozmente perseguidos pelo regime czarista. Tentou instalar ali escolas profissionais e agrícolas para jovens judeus, fornecendo um subsídio de dois milhões de libras. O governo czarista recusou seu consentimento. Hirsch chegou então à conclusão de que os judeus russos só poderiam ser salvos pela emigração. Fundou a ICA, destinada a criar colônias agrícolas judias na Argentina, e mais tarde no Brasil, notadamente no RS. Fez o mesmo na Galícia (Polônia austríaca). Estabeleceu ainda em Nova York o Fundo Barão Hirsch, para o treinamento técnico e agrícola dos imigrantes judeus. O capital inicial da ICA foi de 4000 libras. O barão doou grandes quantias para a educação profissional das crianças judias na Turquia e em todo o Oriente.

munidades rurais não se mantiveram por muito tempo. Efêmeras, logo foram abandonadas por esses primeiros imigrantes que buscaram os centros urbanos mais próximos ou mesmo a fixação em Porto Alegre. Nesse processo de transição para as cidades, cabe destacar os aspectos culturais dessas comunidades étnicas mais identificadas com as referências da urbanidade.

Embora cartas fossem o modo recorrente de comunicação entre aqueles conhecedores da leitura/escrita, permitindo a aproximação entre pessoas que estivessem longe umas das outras, é preciso ressaltar o significado da cultura escrita para o povo judeu. As afinidades dos judeus com a cultura escrita são constituintes da sua identidade, evidentes na sua relação com os livros e com a escola.⁷

Voltando para os aspectos biográficos de Abraão, sabemos que, ainda jovem, mudou-se para Porto Alegre, para trabalhar como representante comercial de confecções. Cartões postais comerciais guardados por ele indicam o nome do lugar em que trabalhava na capital “F. Mostowski Fabrica de bonet’s, gorros, chapéus de brim, etc”, seguido do endereço, Rua Marechal Floriano, número 170. Nesses anos, entende-se que representava essa firma em boa parte do país. Sobre a formação de Abraão, seu filho limita-se a dizer “estudou um pouco”. Diz que, em 1915, o pai deixou Porto Alegre, transferindo-se para Erechim/RS, cidade que mantém forte presença de comunidades judaicas; segundo Moysés, “ele trabalhava com o comércio em geral, eram tecidos, confecções, secos e molhados, alimentos e tal. E também lidava na agricultura e pecuária”. Completa, afirmando que “modéstia a parte, o pai estava sempre mais ou menos bem de vida”.

Abraão casou-se com Rosa Scarshinski, também imigrante judia, vinda da Lituânia em

⁷ Sobre as primeiras colônias agrícolas judaicas no RS e a escolarização nesses núcleos rurais, ver ALMEIDA e GRAZZIOTIN, 2016.

1927. Na data do casamento, tinha 45 anos e ela, 25. Tiveram cinco filhos, segundo Moysés, “é a força do destino, um saiu da Lituânia, outro da Inglaterra e vieram se encontrar aqui e fruto deste amor estou eu aqui”. Define o pai como pessoa “esforçada, nunca chegou a ser rico, mas sempre esteve bem de vida, assim, com carro, em casa nunca faltava nada, teve uma vida regular e modéstia a parte era um homem muito certo”. Moyses explica que, aos poucos, o pai abandonou as atividades rurais e dedicou-se exclusivamente ao comércio, comenta que a necessidade de ter escola para seus descendentes também influenciou na opção pela atividade comercial na “Casa Comercial Abraão Silverston”, em Erechim. Para encerrar, uma narrativa que abre uma fresta para conhecer o destinatário dessas cartas aqui analisadas. Moyses explica que não quis estudar no Ginásio Marista em Erechim, queria estudar em outro colégio fora dali, e seu pai teria dito “se quiser estudar, estuda aqui ou então vai arrumar um serviço e vai trabalhar que não quero saber de vagabundo em casa”. Ao que parece, para Abraão, um homem que desde cedo sempre valorizou o labor, o que importava, de fato, era o filho estudar, independente de ser uma escola católica, interessava mesmo era manter uma ocupação por meio do estudo ou do trabalho.

“Meu filho...”; “Querido irmão...”; “Amigo e Cunhado”: laços de bem-querer em cartas familiares

Como estratégia de análise, agruparam-se todas as cartas enviadas por pessoas da família a Abraão. Assim, os escritos do pai, da irmã e do seu cunhado foram trabalhados. Para Castillo Gómez (2002), as cartas se conectam aos percursos de cada pessoa. Especialmente em se tratando de relações familiares, expressam subjetividades movidas por sentimentos

envolvidos nos laços que unem remetentes e signatários. Por meio da troca de correspondências, mantêm-se “vínculos na distância e configura [-se] um espaço através do qual se expressam e desenvolvem as identidades pessoais, familiares e sociais” (CASTILLO GÓMEZ, 2002, p. 22).

Portanto, as cartas familiares salvaguardadas permitem que se percebam outras faces da convivência entre os membros da família Silverston. Por meio desses fragmentos, é plausível identificar elementos da vida privada de uma comunidade judaica, em seus múltiplos atravessamentos, em que o signatário reside em Porto Alegre e os remetentes das cartas se encontram em outras regiões do Estado, ainda com traços rurais.

Primeiramente, analisamos as cartas do pai, nas quais se destaca o uso da Língua Ídiche⁸, mesclado ao uso da Língua Portuguesa. Pode-se estimar que, para Moysés Silverston, fosse um esforço se expressar na língua do país que imigrou, mas, ao mesmo tempo, pelo predomínio da Língua Portuguesa, o escrevente evidencia uma vontade/necessidade de aprender, possivelmente como atitude assimilacionista, observada por parte de muitos

judeus ao se instalarem no Brasil.⁹ É preciso dizer que algumas dessas cartas encontram-se ilegíveis, e isso nos leva a inferir que Moysés teve poucos contatos formais com a aprendizagem da escrita.

Percebemos, sobretudo nessas epístolas, indícios de oralidade que acompanham o estilo dialógico estabelecido. Para Castillo Gómez (2002), a escrita epistolar não se opõe à oralidade, mas a agrega, “sobretudo, a complementa no trânsito crucial da fala à carta” (2002, p. 25). Em meio a isso, a linguagem cortês, seguida de modelos comportamentais, ambos compõem a retórica epistolar que se constitui em repetições nas ações de escrever cartas: inicialmente, uma abertura, caracterizada por uma saudação ao destinatário, a seguir, o desenvolvimento e, por fim, fechamento, com despedida em que, via de regra, se retorna ao protocolo da cortesia, e se apresentam os cumprimentos finais. Neste sentido, o autor explica que “esses aspectos convergiam a carta em um artefato capaz de representar as regras do pacto social e, portanto, de projetar uma determinada imagem de quem a tinha escrito e de sua posição naquela sociedade” (2002, p. 45).

A análise desses artefatos da cultura escrita implica em considerar as ritualidades que permeiam sua confecção, envio e recebimento pelo signatário. Há ciclos que envolvem o trabalho da escritura que se repetem no momento em que o destinatário produz a resposta demandada pelo remetente. Foi preciso um exercício de alteridade para, como historiadoras, tentarmos nos transpor ao início do século XX, um *outro mundo*, marcado por distâncias entre as pessoas, distâncias que hoje nos parecem relativizadas. Assim, imaginar o semblante de um pai quando recebia uma carta de tão longe, ao tocar o papel em que as letras soam

8 Scliar (2017, p. 116) considera o Ídiche como “língua visceral, errante na qual se exprimiam as emoções mais autênticas”. Explica as origens mais remotas dessa formação linguística, produto da diáspora judaica, que, por volta do século X, se constitui uma mistura linguística, nas atuais fronteiras franco-alemãs, “do Hebraico ritual, mais o aramaico herdado da linguagem corrente à época bíblica, mais francês, mais italiano, e, sobretudo, alto-alemão” (2017, p. 115). Essa língua acompanharia os judeus em seus constantes deslocamentos pela Europa Oriental e depois na América. Cabe ainda ressaltar, segundo Scliar (2017), que o grande responsável pelo dismantelamento do Ídiche foi o Holocausto, praticamente eliminando os judeus nos países da Europa Oriental. Na América, o desaparecimento desta língua está relacionado à necessidade de assimilar uma nova cultura, “do ponto de vista cultural, o que desapareceu foi o próprio substrato do Ídiche, aquele tipo de judaísmo do qual ele se nutria: um judaísmo culto, mas com profundas raízes populares, possuído de uma incrível fé no futuro” (2017, p. 115). E conclui “o Ídiche sobrevive agora unicamente no país chamado memória”.

9 Sobre os percursos dos primeiros judeus imigrantes no sul do Brasil, consultar GUTFREIND, 2004.

como vestígios do filho, ao abri-la cuidadosamente, lê-la por diversas vezes, saboreando cada palavra, emocionando-se com elas, provavelmente provocavam no leitor o despertar de sentimentos, promovendo a disposição de logo pôr-se a escrever uma resposta.

Daquilo que conseguimos compreender, constatamos a presença constante do protocolo de saudação “Meu filho, Abrão Silverston”, seguido do anúncio de recebimento da carta anterior e do tempo de espera, na maioria das vezes anunciado como demasiadamente longo. Como despedida, as expressões utilizadas são: “saúde e prosperidade para ti” e “tua família te deixou com saúde graças ao Criador”, “não mais para dizer, me responde o mais breve, teu pai...” e “lembranças a todos os conhecidos, teu pai Moysés Silverston”. Essa expressão final indica a presença de uma rede que envolve outros afetos, talvez para além da família. Em geral, são mensagens curtas, em que dá notícias dos irmãos e sobrinhos, notadamente notícias sobre a saúde de cada membro. Relações comerciais agregam-se aos conteúdos das cartas, ressaltando atividades econômicas comuns a esses judeus imigrantes que, embora muitos ainda estivessem vinculados ao meio rural, experimentavam o comércio, por meio de remessas que vinham de outras cidades maiores, como de Porto Alegre. Desse modo, nas cartas, Moyses constantemente solicita ao filho a entrega de dinheiro e cobra dele a remessa de produtos, que provavelmente não existiam na região em que vivia, manifestando a intenção de revendê-los, por exemplo, “sabonetes”, “roupa grossa para as crianças, camisas, saias, fazendas, miudezas, três relógios baratos, meia dúzia de pulseiras bonitas, meia dúzia de brincos, travesseiros baratos, pregadores e anéis” (1906). Além desses produtos, Moysés faz pedidos pessoais, como este: “estou mandando dinheiro para comprar um bilhete de loteria número 1514, se tu não achar,

tu não compra” (1904) e também demanda um par de óculos, “não esquece de trazer um par de óculos n. 16 para mim porque quase não posso mais escrever” (1904). É possível que a dificuldade em enxergar interferisse na sua escrita, sendo este mais um complicador para a leitura dessas cartas. Observa-se o quanto as relações entre os meios rural e urbano comparam nas epístolas, indicando aspectos culturais atinentes à atividade comercial que identificam o trabalho desses judeus no início do século XX, no sul do Brasil. Entretanto, por Moyses habitar uma região predominantemente rural, as notícias relacionadas às questões agrícolas e climáticas são frequentes, por exemplo: “a seca está grande, não vai chover logo...” (1907).

Outros assuntos que se fazem presentes dizem respeito às relações entre pai e filho. Localizamos este conselho a Abraão que talvez tenha manifestado saudades de casa. Diz o pai, “tenha paciência, aqui tu não ganhava tanto, aprenda bem o ofício que tu ganha mais” (1905). Naquela temporalidade, vê-se que essa orientação indica uma situação recorrente entre os judeus no RS, já salientada no texto, no sentido de abandonarem a zona rural e buscarem inserção em centros urbanos, dedicando-se a outras atividades, especialmente comerciais.

Embora as cartas paternas deixem perceber certa austeridade, também denotam sensibilidades, sobretudo o sentimento de saudades. Isso pode ser observado quando o pai solicita um retrato ao filho, um registro imagético, importante pelo poder da visualização, na impossibilidade da presença física. Em outro escrito, demonstra animação ao saber da visita de Abraão, quando escreve “imagina minha alegria, fico em casa recebendo notícias que tu vai logo vir aqui fazer uma visita... onde esperarei com braços abertos. Tu me escreve quando saí de Porto Alegre eu te espero em Cruz

Alta com cavalo ou carroça. Não mais por hoje, teu pai está te esperando” (1908).

Neste conjunto documental, nota-se a pouquíssima quantidade de cartas produzidas por mulheres, que foram preservadas pelo destinatário. São apenas três, remetidas por Maria Silverston Schmidt, irmã de Abraão. É plausível que, naquela temporalidade e naquele lugar, não fosse prática comum a escrita epistolar entre as mulheres, mesmo sendo para seus familiares. Reforça tal impressão a quantidade de cartas enviadas por um dos cunhados, Carlos Adão Diefenthaler, casado com Ema. Em várias delas, endereçadas a Abraão, Carlos assina por ele e pela esposa.

Entre as três cartas escritas por Maria, observa-se o cuidado com o capricho na letra, com a organização do texto na folha, observando espaços para margens e parágrafos. São escritos não muito longos, carregados de afeto, em que presta contas da saúde dela e das filhas, inicia em todas com a saudação, “prezado irmão” e “querido irmão”. Em uma, diz que “não mandou lavrar as terras pelo alto custo”, o que indica que talvez também se sentisse responsável pelo provimento da família, ao lado do marido.¹⁰ Ela também pede um retrato a Abraão. Termina uma das cartas com essa despedida, “nada mais por hoje. Queira aceitar minhas saudades desta tua irmã que muito te estima” (1909).

São instigantes as sete epístolas produzidas por Carlos, cunhado de Abrahão, entre 1907 e 1910. Diferentemente do restante da família, Carlos e Ema residem em Novo Hamburgo, município fundado por imigrantes alemães. Cabe ressaltar que ele não é judeu, afirma ser de religião “protestante”.¹¹ Na escrita, mantém os

10 Pelas cartas escritas por Carlos Adão Diefenthaler, vê-se que o escrevente se refere ao marido de Maria Silverston Schmidt, com quem partilhava ações comerciais.

11 Pelas características culturais da cidade de Novo Hamburgo, região colonizada por imigrantes alemães, entende-se que a religião de Carlos Adão Diefenthaler,

protocolos comuns caracterizados pela letra rebuscada, desenhada e por palavras iniciais como “saudações Amigo e Cunhado” e “recebi o vosso apreciável do dia 13 deste mesmo...”. Todavia, o que mais chama a atenção são os temas que discute com seu interlocutor. As três cartas, que datam de março de 1907, apresentam questões familiares que se estabeleceram tendo como pano de fundo disputas pela religião judaica. Na primeira delas, Carlos participa o nascimento do filho Valdomiro e convida Abraão para ser padrinho da criança. Na segunda, é visível o tom ofendido de quem escreve, pois traz no texto o fato de Abraão ter indagado se o batizado seria “no civil ou religioso”. E assim escreveu: “Qual é o motivo que não queres vir desde que seja religioso e sim vir desde que seja civil?” O remetente afirma que o batizado iria acontecer “na igreja de minha religião”. E lembra o cunhado do “trato” que havia feito com Moyses Silverston, pois se casou com Ema apenas no registro civil, “e sim, cumpri com o meu trato e não casei-me no religioso”. Acrescenta o compromisso firmado com o sogro:

“disse ele que fizesse eu ou nós conforme nos queríamos. E eu como pai acho que tenho esse direito de batizar os nossos filhos pela minha religião e com permissão de minha esposa. O seu nome já está incluído no cartório de registro civil como padrinho. E o nome do nosso filho também está com o teu nome” (1907).

Diante da hesitação de Abraão em aceitar compromisso, Carlos escreve, “eu acho isso quase como um insulto; e acho-me quase obrigado visto isso, a lhe excluir como padrinho de nosso filho”. Termina, solicitando uma resposta ainda durante a semana. Entretanto, depois muda de assunto e comenta sobre “um negócio” que havia iniciado com o esposo de Maria Silverston Schmidt, de “criação e engordação

ler, nomeada por ele “Protestante”, é a Religião Cristã de Confissão Luterana.

de porcos”. Conclui assim: “sem mais outro assunto para hoje, abraço-te cunhado e irmão” e inclui o nome da Ema ao final.

Pela leitura da terceira carta do mês de março de 1907, vê-se que Abraão, de fato, não aceitou batizar o filho de sua irmã Ema. Assim registrou Carlos “cada pessoa tem a sua crença livre, só naquele ponto religioso tu erraste e eu mal compreendi e foi aonde eu me senti insultado e por entender que querias fazer pouco da minha religião”. Além disso, Carlos faz mais uma crítica ao cunhado, por ter escrito sua resposta em um cartão postal, pois “toda a gente poderia ler. Sim, devias me escrever uma carta fechada, enfim vamos deixar tudo na melhor ordem. Sentimos tua falta” (1907).

Contudo, essa discussão familiar não pôs fim à troca de correspondência entre os dois, haja vista que foram guardadas mais quatro cartas enviadas por Carlos. Em setembro de 1908, informa a Abraão que teve varicela e a doença atingiu os filhos, informa também a morte de seu pai e conclui fazendo um convite ao signatário: “querido cunhado e irmão, se puderes e for possível venha nos ter uma visita que nós queremos saber como vão todos em Ijuí e mesmo como tu foste de viagem para lá” (1908). Provavelmente, referia-se à viagem de Abraão para visitar sua família que vivia no norte do Estado.

Há várias questões implicadas que podem ser apreendidas da leitura desses manuscritos. Em primeiro lugar, um destaque ao casamento de uma moça de origem judaica, Ema, com um descendente de alemães, de outra religião, tendo a aprovação do pai. Provavelmente, não se trata de um fato isolado e mostra, por outros ângulos, a intenção assimilacionista de judeus no Brasil, rompendo com um hermetismo que caracteriza determinadas comunidades étnicas, por meio da formação de novas famílias constituídas por judeus e pessoas de outras religiões.

Essa questão do matrimônio entre pessoas de distintas religiões acaba provocando outras ressonâncias, neste caso a escolha pela religião dos filhos foi acordada com o sogro, como uma prerrogativa paterna. Portanto, Carlos Adão Diefenthaler teve o direito de decisão acerca dessa questão, não ferindo o compromisso assumindo com o pai de sua esposa. A situação faz pensar na submissão das mulheres, fato comum no início do século XX, em uma sociedade conduzida pelos homens, que conservavam o poder de determinar inclusive a inscrição religiosa dos filhos. Contudo, o fato de Abraão ter se negado a participar de uma cerimônia/compromisso que não era de sua religião parece não ter abalado os vínculos entre os dois homens, tendo em vista a continuidade das correspondências e também pelo fato do signatário não ter se desfeito dessas cartas.

Essas cenas capturadas pela palavra escrita, preservadas por anos a fio pelo signatário, mostram indícios de práticas culturais que eram comunicadas por meio das cartas entre pessoas que estavam longe umas das outras. Papéis escritos por um pai, por uma irmã e por um cunhado de Abraão abrem *janelas* para conhecer esses sujeitos, em suas inter-relações, tendo em comum os laços de família que os uniam.

“Amigo velho camarada”: sensibilidades permeadas em correspondências

Como outra possibilidade de análise, definimos como *corpus* documental as epístolas produzidas pelo amigo de Abraão, Franz Shopf, enviadas no período de 1906 a 1912. Essa escolha se justifica pelo interesse em trabalhar com correspondências trocadas entre dois homens, de forma sistemática, que demonstram laços de afeição, envolvendo temas da comunidade

local, pelos olhares juvenis de um sujeito que escreve e de outro sujeito que lê. Pela leitura do material selecionado, elegemos um caminho para a pesquisa. O trajeto trilhado considerou a frequência e a quantidade de cartas escritas entre os dois amigos. Após a leitura dos documentos, elaboramos uma espécie de inventário das temáticas recorrentes e procuramos produzir unidades de sentido para essas escritas.

Imagina-se que essas correspondências de teor íntimo sejam prerrogativas de uma representação do ethos feminino, pelos atributos que culturalmente se construíram sobre as mulheres, identificando-as como aquelas a quem interessaria esse tipo de narrativa. Entretanto, aqui analisamos epístolas produzidas por homens, nascidos no final do século XIX, que viveram a entrada no novo século, que, muito provavelmente, compartilharam a infância em uma comunidade habitada por imigrantes judeus, entre outros grupos étnicos.

As temáticas desenvolvidas evidenciam sensibilidades compartilhadas entre dois amigos em sua juventude, indicando redes de sociabilidade que ambos constituíram. Portanto, investigam-se as representações presentes nas práticas cotidianas destacadas, apresentadas por um remetente que escreve para seu amigo de longa data, que mora em Porto Alegre. Cumpre dizer que sensibilidades, ao lado das representações, são conceitos caros à corrente historiográfica da História Cultural. Segundo Pesavento (2004), o conhecimento sensível é produzido pelos nossos sentidos, pelas nossas subjetividades, “vêm do íntimo de cada indivíduo” (2004, p. 56), e essas questões passam a interessar aos historiadores. A autora prossegue explicando que tal conceito permite a construção “de biografias de gente simples”, valorizando seus sentimentos e emoções, assim, “as sensibilidades não só comparecem no cerne do processo de representação do mun-

do, como correspondem para o historiador da cultura aquele objeto a capturar no passado, a própria energia da vida” (2004, p. 57)

Desse modo, a imersão nesses documentos provoca a emergência de diferentes sensações em quem se põe a examiná-los, ora fazem rir, ora fazem chorar. Como dito anteriormente, o impacto de ter em mãos papéis que foram manuseados por outros, no início dos anos de 1900, não é algo da ordem do banal, tendo em vista as subjetividades presentes entre quem escreveu, entre quem leu e guardou e entre quem doou as cartas para uma instituição. Assim, observar suas materialidades, a caligrafia da letra, o cheiro e a cor dos papéis amarelados e amassados é algo que comove, por se tratar de artefatos que atravessaram alguns anos da vida desses dois amigos, em que confessaram intimidades inventadas pela escrita de si e pela escrita para os outros (CUNHA, 2013).

Embora as sensações despertadas nos levem a momentos singulares de nostalgia, não podíamos perder de vista o olhar da indagação. Nessa chave, a importância de problematizar esses vestígios que representam ritmos da vida privada e social de um tempo da existência desses dois jovens. De acordo com Cunha, as escritas epistolares “eternizam, em folhas amarelecidas pela passagem do tempo, ideias, saberes, valores, acontecimentos e dizeres: representações escritas em suporte papel de outro tempo, produzindo sentidos e construindo significados à ordem do existente (2013, p. 116).

As cartas expressam, como protocolo, uma saudação inicial constante, com pequenas variações: “Amigo Velho Camarada”, “Amigo Velho”, “Amigo e Camarada Velho”, “Amigo Velho do Coração”, “Prezado Amigo Velho”, “Amigo Velho e Camarada do Coração”, “Amigo”, “Amigo Velho e Camarada”, “Amigo Velho do Coração e Camarada”, “Amigo Camarada Velho do Coração”, “Estimado Amigo e Camarada Abrah-

an Silverston”, “Querido Amigo Velho e Camarada”. Nesta perspectiva, Cunha (2002) explica que trocar cartas, corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. E esse saudosismo empregado nas cartas de Franz ao seu amigo, evidenciado pelas palavras com as quais inicia o texto, revela elos e afetos existentes entre estes sujeitos.

A caligrafia utilizada nessas expressões empregadas na saudação apresenta esmero, característica que, às vezes, não se mantém no decorrer do texto. As letras são desenhadas, há presença de ponto de exclamação. Em algumas cartas, usa-se o negrito. O local e a data precedem o protocolo de iniciação. Todas as correspondências procedem de uma localidade chamada “São Xavier”, distrito da cidade de Santa Maria. Importa dizer que nessa região havia núcleos rurais de imigrantes judeus, especialmente Phillipson¹², bem próximo à referida cidade, lugar para onde a família de Abraão se dirigiu ao chegar no Rio Grande do Sul.

Considerando as cartas em sua íntegra, apesar de notarmos uma intenção de zelo pelo escrevente, em algumas se percebe efetivamente a presença de capricho, que facilita o entendimento e sugere que, em algumas, Franz tivesse mais tempo para produzi-las. Já em outras, a letra é pouco legível. Em algumas, também se percebe o uso de parágrafos, mas não é uma regularidade.

Em relação ao final das cartas, o remetente repete a expressão com a qual as inicia, “Amigo e Camarada Velho”, em suas pequenas variantes, seguida de outras palavras, por exemplo: “Aceite mil saudações do teu”, “do Teu Amigo e Velho Camarada”, “Abraços do teu”, “Muitas lembranças e saudades que manda o teu amigo que lhe estima a verdade”, “Mil abraços

manda o teu Amigo e Velho Camarada”, “Sem outro mais para hoje se não muitas lembranças e abraços do teu Amigo Velho”, “Saudações”, “Lhe desejo mais felicidade e saúde”, “Lembrança do pai e de nós todos”, “Despeço-me como Amigo e Camarada na hora da sepultura”, “Pelo meu favor em diante eu lhe agradeço muito”, “Sem outro mais hoje o teu Amigo Velho e Camarada enquanto viver”, “Pedindo resposta o quanto antes possível”, “Sem outro mais pra hoje”. Observamos também o uso frequente de palavras abreviadas como, por exemplo, AM para amigo, A.V.C. para Amigo Velho Camarada. O uso dessas expressões de saudação, tanto no início como no final, evidencia a presença de vocativos, como recursos de aproximação, que também parece ter o objetivo de fortalecer os laços de amizade e dar relevo à relação de cumplicidade, talvez marca da amizade construída entre os dois jovens. Os vocativos empregados indicam que a amizade se mantém por meio das cartas. Apesar da distância, é possível conservar o diálogo, por meio da cultura escrita, supondo a constância de troca de correspondências.

Outra palavra recorrente empregada é “outrossim”¹³, por exemplo: “outrossim peço que por favor pode ver se pode arranjar o pedido”, “outrossim que no dia 16 mês passado apareceu mais um filho homem na minha família”. Em uma única carta, após a saudação de despedida, como um *postscriptum*, ele escreve justificando a demora para responder ao amigo.

Portanto, a análise desses aspectos relativos à materialidade das cartas permite certa aproximação desses dois jovens, que durante seis anos mantiveram um compromisso de manter vínculos de convivência por meio da

12 Sobre a história dos judeus no RS, ver: GUTFREIND, 2004.

13 Fizemos uma adaptação do texto escrito da língua portuguesa, no início do século XX, para a gramática atual que, segundo o Dicionário Houaiss (2001, p. 2093), é um advérbio que significa “igualmente, da mesma maneira”.

cultura escrita, conforme o conjunto de cartas analisadas. O cuidado na caligrafia, nem sempre observado por Franz, os protocolos de saudação, de abordagens temáticas e de encerramento do texto, denotam modos pelos quais conversavam e trocavam impressões acerca de suas referências locais e culturais.

A palavra “Novidades” constitui-se em um protocolo de leitura, comparando de modo recorrente em quase todas as epístolas, mesmo que seja para dizer ao interlocutor que “infelizmente, não há novidades”. Em alguns casos, a caligrafia deste termo é mais rebuscada e destacada na folha. Neste protocolo, Franz informa o destinatário dos assuntos da comunidade, que, de diferentes modos, pareciam lhe interessar, a partir de sua condição juvenil. Das 26 cartas analisadas, em 19 delas consta o item “Novidades”. De modo geral, é neste espaço que Franz narra cenas cotidianas da comunidade do distrito de São Xavier, pelo olhar masculino juvenil, para seu amigo que compartilhava da mesma geração. Portanto, o que mais aparecem são notícias sobre casamentos, namoros, bailes ou a falta destes, separações, traições, brigas, falecimentos envolvendo as pessoas locais. Como exemplos, destacam-se: “Luiz Bromemberger tratou casamento com a filha do Grande polaco chamada Sophia” (1907); “faço-lhe saber que a mulher do Viana sabia do marido com os filhos, está ela em Santa Maria” (1906); “o Sr. Viana está fazendo briga. Ele partiu o íntimo amigo dele o José Baixinho. Fora seis ferimentos na cabeça e os braços também todo escangalhado. Motivo desta briga foi que o José não recebeu a parte do resultado da plantação. O José Baixinho era companheiro neste passado período da plantação” (1907); “a Karolina do ferreiro se casará logo (1900); “faleceu o negro Josinho, mordido de cobra” (1906).

Em relação às mulheres, Franz faz destaques depreciativos às que considera “mulhe-

res da vida” e às “italianas”. Nessa frase, expressa sua reprovação, “aqui casou-se o José do Capitão, com uma tal Itelvinha, uma moça da “Vida” (1906). Note-se a ênfase do escrevente ao sublinhar a palavra, o que indica preconceitos acerca das mulheres. Sobre as italianas, afirma que “são solteiras ainda” e, segundo ele, essas moças “não são para casar”. Conclui dizendo que “moços de algum respeito não vão em casa do italiano”, demonstrando também preconceitos étnicos entre judeus e italianos.

Para além dessas referências, observa-se que a carta era um meio de outros sujeitos se comunicarem com Abraão. De modo recorrente, Franz inclui a presença de amigos em seus textos, sobretudo João Werle, que, constantemente, “manda lembranças”, sendo também chamado pelo autor das cartas por “nosso amigo velho”. Segundo Cunha (2013), na correspondência estão implicadas “formas de se expor, compartilhar experiências, vencer distâncias e ausências, tecer sensibilidades, enfim, construir laços de papel” (2013, p. 119). A prática da escrita de cartas é uma partilha de sociabilidades, onde vários sujeitos estão presentes, portanto, ao noticiar os acontecimentos locais para seu interlocutor, Franz, de certo modo, também cumpre esse papel de aproximá-lo da comunidade.

Ainda com relação às redes de sociabilidades, em uma carta, Franz ressentia-se da falta de eventos especialmente para os jovens, em suas palavras, “aqui é muito triste entre a mocidade solteira. Há muito tempo não vejo falar em baile nem outro divertimento” (1907). Entretanto, nesta carta, menciona os diversos casamentos realizados “o Bertoldo casou com uma filha da Viúva Berr, do outro lado do Jaguary”; “a Joana irmã do Elauthério casou com José Gevedo e o Eleuthério casou com uma filha da velha Geralda do outro lado do Jaguary”; a Maria irmã dele foi para Santa Maria dia 16,

o resto solteiro, solteiríssima a italiana (tuti quanti soli)". Em outras, Franz faz registros sobre "a mocidade que continua solteira". Esse fato nos leva a pensar que talvez o escrevente tivesse vontade que Abraão se casasse com uma das moças da região, quando destaca "vamos ver quantos corações o amigo quebra na tua próxima visita" (1908). Nos textos examinados, observa-se a presença de muitos outros sujeitos moradores desta comunidade, inscritos em redes de sociabilidades, que envolvem judeus, italianos e pessoas de origem portuguesa. Nesta rede, destaca-se a presença e a circularidade dessas etnias e de diferentes gerações.

Essas cartas consideradas ego-documentos, escritas de si, nos permitem conhecer e adentrar em aspectos de ordem íntima que, no caso deste estudo, perpassam os afetos entre dois jovens. Considerando que as correspondências foram trocadas no período de 1906 a 1912, podemos dizer que os vínculos entre os dois amigos Abraham se mantiveram por meio dessas epístolas. Importa lembrar que, embora não tenhamos acesso às cartas escritas por Abraão, sabemos que ele efetivamente guardou, entre diversos papéis, aquilo que seu amigo lhe enviou. Nessa ação do guardar, podemos estimar que vários sentimentos estavam implicados, por um lado, a lembrança dos anos de sua juventude, por outro, a lembrança de Franz, seu contemporâneo, companheiro desde muito tempo.

Conforme as expressões mencionadas no início deste texto, observa-se um tom amoroso nas saudações iniciais e finais, e esse sentimento de bem-querer permeia o conteúdo de todas as cartas recebidas por Abraão, para além desses protocolos. O que podemos pensar da recorrência das palavras que ilustram o título do estudo? "Amigo Velho" e "Camarada". Elas sugerem a intenção de uma amizade perene, que ultrapassa o companheirismo e atra-

vessa a existência dos dois. Isso pode ser percebido quando, na saudação final de uma escrita, ele emprega a frase "despeço-me como Amigo e Camarada na hora da sepultura" ou quando diz "sem outro mais hoje, o teu Amigo Velho e Camarada enquanto viver". As palavras indicam que os laços que unem esses dois homens se constituem em algo forte, duradouro, que permeia suas existências.

Entretanto, para além de demonstração de afeto e de notícias triviais e locais, um tema delicado, em certa medida constrangedor, comparece em várias das cartas de Franz: são pedidos de dinheiro a Abraão para a compra de diferentes materiais, que seriam aproveitados pelo remetente em seus negócios. Assim, destacam-se alguns exemplos dos pedidos: "ainda não lhe mandei o dinheiro por não saber se ainda tinhas o mesmo endereço, não sei até hoje se o amigo recebeu dois relógios de prata que mandei para comprar. Lhe peço muito me participar quanto antes possível se recebeu os relógios" (1908); "Outrossim, eu pergunto ao meu amigo, se por acaso eu precisar a quantia de cem 100\$000 para o prazo de dois meses, peço o meu amigo me escrever se podes me emprestar, se precisa garantias tenho para garantir o pedido dinheiro eu precisava para a questão do meu aparelho fotografico. Pedindo resposta quanto antes possível" (1906).

Ao mesmo tempo em que os pedidos de empréstimo de dinheiro eram constantes, observa-se que Franz se constrange e mostra tristeza por demorar a quitar suas dívidas. Tal situação é expressa nessa narrativa, "com toda certeza, tu já pensa que eu já me esqueci do Amigo, o contrário, eu estou com muita vergonha que não posso ainda cumprir o meu dever ao Amigo. Peço então ao amigo me esperar mais um pouco que ainda não fiz alguma venda de produtos em importância" (1907).

Essa recorrência de solicitação de empréstimos sugere que havia uma disposição de Franz em desenvolver atividades ligadas ao comércio, especialmente o trabalho com produção de fotografias, pois, o grande motivo de buscar auxílio em Abraão é a compra do “aparelho fotografico”, importado, e suas complicações na liberação pela Alfândega. Embora as cartas indiquem a manutenção de atividades rurais, pois se refere constantemente à sua “colônia”, na qual plantava feijão e trigo, pode-se dizer que Franz, como a grande maioria desses primeiros judeus no RS, entusiasmava-se com a vida nas cidades e, em pouco tempo, sabe-se que esses imigrantes direcionaram suas atividades econômicas para o mundo urbano, provocando um esvaziamento desses núcleos coloniais. E o que se pode inferir acerca de Abraão? É provável que, por residir em Porto Alegre, por trabalhar com representações comerciais, estivesse em melhores condições econômicas que seu amigo e, por isso, pudesse efetivamente ajudá-lo. O exame das cartas permite dizer que o signatário, por vezes, atendeu as solicitações do amigo, pois, nas narrativas, este anuncia o pagamento de parte da dívida. Contudo, de modo recorrente, costuma pedir mais um pouco e faz uma espécie de prestação de contas a seu credor acerca dos usos do dinheiro recebido durante esses anos de troca de correspondências. Nessa mensagem, observa-se o exposto:

“Já não lhe respondi a tua última carta e minhas encomendas que recebi em ordem. Faltou que eu quis lhe mandar um retrato da minha fabricação, ainda não tenho o aparelho fotográfico com utensílios completos, está ainda na alfândega e espero ele as próximas semanas, só o despacho a alfândega com frete me custa mais ou menos 100\$000 então mais um pouco de paciência” (1906).

Entretanto, vê-se que nem sempre Abraão estava disposto a colaborar com Franz, as pa-

lavras do remetente sinalizam essa questão “recebi o teu último cartão postal onde veio me dizer que não havia jeito de me mandar o dinheiro. Também não faz mal, o dinheiro não precisa mandar visto que eu estou devendo ainda” (1906). Enfim, o que se vê é a construção de uma relação de cumplicidade e confessionalidade entre dois homens, que permitia essas intimidades partilhadas, que envolviam temas melindrosos.

Outro tema que comparece nas escritas epistolares refere-se ao cotidiano das atividades econômicas desenvolvidas. Assim, Franz informa Abraão acerca das estações de ano e seus impactos nas plantações, bem como manifesta sua tristeza diante das sistemáticas pragas de gafanhotos, que prejudicavam o plantio. Entende-se que essas não eram simples notícias, mas constituíam-se em fatos que poderiam ser determinantes para a subsistência da comunidade. Franz registra, “aqui a primavera tem feito já alguma seca e tem aparecido os gafanhotos outra vez. Ainda não fizeram estragos nas plantas, [...] Em vista disso, algum dia estou bem aborrecido e sem esperança com muito sentido de ver o meu trabalho em perigo” (1906); “Tenho hoje 60 sacos de feijão para vender que o preço de momento 10\$000 [...], mas como temos já uma grande seca então não queria vender já porque ficam mais caro ainda. Como vão os preços no mercado em Porto Alegre? Tendência baixa ou alta?” (1907); “Aqui foi um tempo muito chuvoso pois choveu o fim de agosto e setembro todo com poucos intervalos e por isto as plantações são bem tratadas” (1907).

Essas cartas dizem muitas coisas, são indícios de um tempo de vida de dois jovens que trocaram impressões, fizeram confidências, contaram intimidades. Nessas partilhas, comparecem também assuntos comerciais e financeiros, permeando as linhas escritas nestes laços de papel.

Considerações Finais

Ler uma carta é entrar em uma história sem conhecer a primeira palavra, sem saber o que aconteceu antes nem o que chegará depois, o que se disse antes, nem o que se dirá depois. Sabemos somente que essa carta é um momento de longa duração, apenas um elo de uma cadeia sem começo nem fim. (DAUPHNI; POUBLON, 2002, p. 76)

O trabalho historiográfico com esses manuscritos exigiu um tempo de imersão para que conseguíssemos *entrar* nas tramas anunciadas nessas cartas. Quando intensificamos e aguçamos o olhar, procuramos, de certa forma, *capturar* sensibilidades do passado, através dos traços que estes documentos deixaram para o tempo presente.

A leitura e a análise dessas epístolas passaram por uma espécie de ritual que nos aproximou dos gestos, sentidos, afetos, materialidades e memórias familiares e de amizade, envolvendo pessoas que tiveram suas histórias inscritas no início do século XX.

Como vimos, o conjunto de cartas provavelmente esteve por longo tempo sob a posse do receptor, e, após seu falecimento, foram salvaguardadas por sua nora e posteriormente doadas ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagal. O fato de estarem preservadas no arquivo judaico permitiu a estas pesquisadoras o acesso às mesmas.

Como qualquer documento, cartas não são “espelhos da realidade, comportam mecanismos de ilusão cujas regras e efeitos são constitutivos de sua significação” (DAUPHNI; POUBLON, 2002, p. 76). Portanto, por mais que tivéssemos o desejo de *decifrá-las* em suas características enigmáticas, aqui as entendemos como representações do real, que, em seus múltiplos matizes, permitem movimentos de aproximação aos conteúdos discursivos que se apresentam nos escritos, como uma espécie de encenação, no “teatro im-

provisado da escritura” (DAUPHNI; POUBLON, 2002, p. 86)

O acervo analisado contém cinquenta e cinco epístolas produzidas e enviadas no período de 1903 a 1912 e se caracterizam em correspondências que demonstram laços familiares e de amizade. Todas são permeadas por afetos, apresentam assuntos referentes a temas familiares, às comunidades locais, a transações comerciais e financeiras, sob as lentes de um sujeito que escreve e de outro que as lê.

Com relação às correspondências familiares, pode-se dizer que a prática de escrita permitiu cultivar o bem-querer entre aqueles que não estavam por perto. Relendo o que escreveram Moyses, Maria e Carlos, percebe-se que o espaço epistolar “cria abrigos” e promove condições para que todos tomem conhecimento e se emocionem “com os nascimentos, casamentos, visitas e reencontros, sucessos escolares e financeiros; um espaço também para curar os desgostos e os lutos; um espaço enfim para firmar opiniões, dominar os medos e compartilhar valores” (DAUPHNI; POUBLON, 2002, p. 86).

E o que dizer das correspondências trocadas entre Abraão e Franz? São epístolas que surpreendem o leitor pela escrita descontraída, pela interação em conversas de bons amigos. Nesse viés, Castillo Gómez (2004) destaca que escrever cartas é assim “dar-se a ver”, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo “visto” pelo remetente, o que permite uma forma de presença muito especial (2004, p. 19). A partir do inventário das temáticas, conseguimos perceber a recorrência dos temas apresentados. Inicialmente, a frequência constante do saudosismo empregado por Franz e o esmero na caligrafia realizada. Nas redes de sociabilidade, o registro das informações dos assuntos da comunidade sobre casamentos, separações, festas da comunidade, moças solteiras, o que permite concluir que havia elos aproximativos entre os dois amigos.

Além das notícias do cotidiano, a solicitação de empréstimo de dinheiro e a compra de materiais foram mencionados em muitas das cartas. Mesmo com este tema bastante delicado, podemos inferir que os vínculos entre estes sujeitos não se abalaram durante todos os anos em que as correspondências foram trocadas. São vinte e seis cartas escritas de forma sistemática durante seis anos. Mediante o presente estudo, ainda ficam alguns questionamentos. Após estes anos, os dois amigos ainda teriam trocado correspondências? Por que então não estão contempladas neste acervo? Será que houve algum tipo de afastamento? Se sim, quais os motivos que teriam provocado o fim das correspondências?

Podemos supor que estas cartas escritas no início do século XX apresentavam um valor muito significativo para seu receptor, que estava longe de suas referências por residir em Porto Alegre. As epístolas foram merecedoras de cuidado e de preservação por ele, por representarem os vínculos de suas histórias entrelaçadas pela família e a amizade, permitindo que se mantivesse, pelas correspondências, por perto de sua comunidade de origem.

Concluimos o presente estudo mencionando a epígrafe citada no início do artigo, destacando que as cartas trocadas entre todas essas pessoas simbolizam elos, representados em folhas de papel, nos quais são evidenciados interesses, necessidades, disputas, amizades, estima, lembranças e sensibilidades de momentos pretéritos, que também se desenhavam como laços.

Referências

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi. Memórias de escola em colônias agrícolas judaicas no RS: narrativas orais do acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. **Cadernos de História da Educação**, v. 15, n. 3, p. 1031-1054, set./dez. 2016.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos. (Orgs.). **Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000. p. 203-228.

CASTILLO GOMEZ, Antonio. Como o polvo e o camaleão se transformam: modelos e práticas epistolares na Espanha moderna. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 13-55.

CHARTIER, Roger. Texto, impressão, leituras. In: HUNT, Lyn. (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 211-238.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “Por hoje é só...” In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 181-203.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Essa coisa do guardar... homens de letras e acervos pessoais. **Revista História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPeL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, mai./ago. 2008.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do coração à caneta: cartas e diários pessoais nas teias do vivido (décadas de 1960 e 1970, século XX). **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora da UFPR, n. 59, p. 115-142, jul./dez. 2013.

DAUPHIN, Cecile; POUBLON, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Orgs.). **Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 75-88.

GUTFREIND, Ieda. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, RS: Editora da UNISINOS, 2004.

LIMA, Rosimeire Simões de. Cartas de meus (ex) alun@s: vínculos afetivos mantidos através da caneta e do papel. In: PERES, Eliane; ALVES, Antônio Maurício Medeiros. (Orgs.). **Cartas de professor@s, cartas a professor@s**: escrita epistolar e educação. Porto Alegre: Redes Editora, 2009. p. 167-184.

MORAES, Marco Antônio de. Edição da correspondência reunida de Mario de Andrade: histórico e alguns pressupostos. **Patrimônio e memória**, UNESP/FCLAs/CEDAP, v. 4, n. 2, p. 115-128, jun. 2009.

PESAVENTO, Sandra. **História e história cultural**.

Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SCLIAR, Moacyr. **A nossa frágil condição humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SIERRA BLÁS, Veronica. **Cartas presas**: la correspondência carcelaria em la Guerra Civil y El Franquismo. Buenos Aires: Marcial Pons, Ediciones de História S. A., 2016.

Recebido em: 18.08.2018

Aprovado em: 30.10.2018

Dóris Bittencourt Almeida é Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora de História da Educação da Faculdade de Educação da UFRGS e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade. Grupo de pesquisa CNPq EBRAMIC. Estágio de pós-doutorado na UDESC. E-mail: almeida.doris@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Av. Paulo Gama, 110 – Farroupilha, Porto Alegre/RS, 90046-900. Telefones: (51) 33083270; (51) 99842-9652

Alice Rigoni Jacques é Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Memorial do Colégio Farroupilha de Porto Alegre/RS. Grupo de pesquisa CNPq EBRAMIC e Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha. Estágio de pós-doutorado na PUCRS. E-mail: alice_rigoni@hotmail.com

Escola de Humanidades/Programa de Pós-Graduação em Educação/PUCRS. Av. Ipiranga, 6681 – Prédios 8 e 9 – Partenon – Porto Alegre-RS – CEP: 90619-900. Telefones: (51) 33201103; (51) 998076414